

Texto para catálogo exposição individual “Incubadora” (2014) – Centro Cultural Paschoal Carlos Magno.

Poder analógico

por Maria Iñigo Clavo

pesquisadora, curadora e artista

Jogar as bolinhas de isopor na máquina, colocar os balões de látex, prensar, segurar os balões na máquina para evitar deslizamentos, prensar, retirar os balões e armazenar. A bata branca serve para se ter certeza de cumprir com as regras da higiene e da técnica. Objetos da imprecisão, imperfeição, tempo da produção da arte, do corpo que usa a máquina nos seus singulares ritmos, a única pressão é só a da própria ambição. Movimento.

Em *Tempos Modernos* (1936), Chaplin realizava uma sátira da mecanização do corpo humano, da sua alienação pelo sistema fordista de produção. O operário era vítima de uma maquinaria que não descansa, que impõe uma temporalidade urgente, ritmo da repetição autômata.

Como Judith Butler mostrou em *The Psychic Life of Power*, mantemos uma relação passional com quem nos subordina, nesse caso, ainda hoje, a tecnologia gera uma hipnose e fascinação pela precisão, pela magia do mecanismo: a fé no futuro. Quando Leandra Espírito Santo cria uma cultivadora de arte que obriga o corpo a se movimentar, recupera uma relação analógica e orgânica com a produção e seus meios. Não está muito claro quem está subordinado a quem, a relação entre ambos é ambivalente: tração mútua para uma produção incerta.